

Wheelchair rugby in Portugal: from motives and barriers to practice, to athletes' motivational characteristics

Rugby em cadeira de rodas em Portugal: dos motivos e barreiras para a prática às características motivacionais dos atletas

Fábio Moreira ¹, André Barreiros ^{1,2,3}, Tânia Bastos ^{1,2*}

¹Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal; ²Centro de Investigação, Educação, Inovação e Intervenção no Desporto (CIFIID), Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, Portugal; ³Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto; Universidade Lusófona do Porto.

Abstract

Wheelchair rugby is a Paralympic sport that was recently introduced in Portugal. Currently, a reduced adherence to the practice is evident. The main goal of the present study was to identify the levels of motivation and satisfaction of the basic psychological needs of wheelchair rugby athletes at national level. In addition, it was intended to describe the main reasons and barriers related to the practice of this sport. The sample consisted of 12 athletes with physical disability ranging in age between 33 and 49 years old ($M=41.8$; $SD=5.70$). The participants filled out an on-line version of the sociodemographic questionnaire in order to characterize the sample, the Portuguese version of the Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire 2, which evaluates motivational regulations and the Portuguese version of the Basic Psychological Needs in Exercise Scale, which evaluates the satisfaction of basic psychological needs (autonomy, competence and relatedness). Wheelchair rugby athletes showed high levels of autonomous motivation for the practice and high satisfaction of basic psychological needs, with special emphasis on the Relatedness dimension. Regarding the reasons for starting the sport, the contact through demonstrations and the invitation by third parties to try the sport were verified. The barriers and difficulties at the organizational level are related with the reduced number of practitioners at national level and the scarcity of opportunities for practice and competition. However, the results obtained are positive because they point to a path of maintenance in relation to the practice of wheelchair rugby.

Keywords: Physical Disability; Wheelchair Rugby; Motivation; Autonomy; Competence; Relatedness

Resumo

O Rugby em cadeira de rodas (RCR) é um desporto paralímpico que foi, recentemente, introduzido em Portugal. Atualmente, é evidente uma reduzida adesão à prática. O principal objetivo do presente estudo foi identificar os níveis de motivação e de satisfação das necessidades psicológicas básicas dos atletas de RCR ao nível nacional. Adicionalmente, pretendeu-se, descrever os principais motivos e barreiras relacionados com a prática deste desporto. A amostra foi constituída por 12 atletas com deficiência motora e idades compreendidas entre o 33 e 49 anos de idade ($M=41.8$; $DP=5.70$). Os participantes preencheram em formato on-line um questionário sociodemográfico com o propósito de caracterizar a amostra, a versão portuguesa do *Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire 2* que avalia as regulações motivacionais e a versão portuguesa do *Basic Psychological Needs in Exercise Scale* que avalia a satisfação das necessidades psicológicas básicas (autonomia, competência e relacionamento). Os atletas de RCR apresentaram níveis elevados de motivação autónoma para a prática e elevada satisfação das necessidades psicológicas básicas, com especial ênfase para a dimensão Relacionamento. Relativamente aos motivos para a iniciação à modalidade, verificou-se o contacto através de situações de demonstração e o convite por terceiros para experimentar a modalidade. As barreiras e dificuldades ao nível organizativo estão relacionadas com o número reduzido de praticantes ao nível nacional e escassez de oportunidade de prática e competição. Apesar disto, os resultados obtidos são positivos pois apontam para um caminho de continuidade em relação à prática do RCR.

Palavras-chave: Deficiência Motora; Rugby em Cadeira de Rodas; Motivação; Autonomia; Competência; Relacionamento

*Autor para correspondência.

Endereço electrónico: tbastos@fade.up.pt (Tânia Bastos)

Código: DAFPT_21_01_05

Introdução

O Rugby em cadeira de rodas (RCR) é um desporto concebido para pessoas com tetraplegia sendo elegíveis para a competição atletas com deficiência motora que afete pelo menos 3 membros (Silveira, Canales, Cottingham, & Hernandez, 2019). Esta modalidade é praticada por homens e mulheres que cumprem com os critérios mínimos de elegibilidade determinados pelo sistema de classificação específico do RCR (*International Wheelchair Rugby Federation* [IWRF], 2015). Em 2000, nos Jogos Paralímpicos de Sydney esta modalidade foi incluída pela primeira vez no calendário dos jogos (Campana, Gorla, Duarte, Scaglia, Tavares, & Barros, 2011; Orr & Malone, 2010). É um desporto de equipa, misto e único pois combina elementos do rugby, andebol e basquetebol (IWFR, 2015).

Ao nível nacional, o RCR foi introduzido apenas 10 anos depois do reconhecimento internacional do Comité Paralímpico. Na época desportiva 2009/2010, a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD) criou o projeto “Bicas no Rovisco Pais – Desporto Adaptado” e a modalidade começou a ser praticada no Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro - Rovisco Pais. Especificamente, o atleta Luís Vaz fundou, em 2011, a Associação Portuguesa de Rugby em Cadeira de Rodas com o apoio da Federação Portuguesa de Rugby. No entanto, apenas em 2017 ocorreu uma dinamização da modalidade ao nível nacional com a realização de vários encontros/campos de treinos em diferentes regiões do país (A. Gomes, comunicação pessoal, 11 maio 2020).

No que se refere aos fatores psicológicos relacionados com a prática desportiva, a motivação é considerada um dos fatores mais importante para a permanência e continuidade dos atletas numa determinada modalidade, sendo apontada como um dos fatores psicológicos de maior relevância para o sucesso desportivo. Weinberg e Gould (2003) caracterizam a motivação como um processo ativo, intencional e orientado para uma meta, dependendo da interação de fatores intrínsecos (i.e., necessidades, interesses, objetivos e personalidade) e extrínsecos (e.g., estilo de liderança do técnico, tarefas, desafios e influências

sociais). Assim, a motivação pode afetar a seleção, intensidade e persistência de um indivíduo no desporto e interfere diretamente na qualidade da performance do atleta. Neste contexto, importa referir a Teoria da Autodeterminação (TAD) considerada uma das mais importantes teorias da motivação contemporânea na investigação dos processos motivacionais no desporto e na atividade física (Ryan & Deci, 2000). Por seu lado, a Teoria da Autodeterminação contempla a Teoria das Necessidades Psicológicas Básicas (TNPB) que é encarada como um pré-requisito para o funcionamento ideal dos processos integrativos do organismo através da satisfação de três necessidades psicológicas básicas (NPB), nomeadamente autonomia, competência e relação social.

De uma forma geral, os benefícios psicológicos relacionados com a prática desportiva são amplamente reconhecidos. No entanto, a investigação sobre o impacto dos fatores psicológicos nos atletas do desporto adaptado é escassa. No âmbito do RCR destacam-se alguns estudos internacionais que procuraram explorar as orientações motivacionais dos atletas. Silva, Silva, Duim, Junior, e Araújo (2019) constataram que atletas de RCR brasileiros apresentam uma tendência para a motivação orientada para a tarefa. Isto é, acreditam nos seus esforços, são persistentes durante a aprendizagem e preocupam-se com o aperfeiçoamento da execução. Jooste, Kubayi, e Paul (2015) estudaram as associações entre as orientações motivacionais e as competências psicológicas relacionadas com as estratégias de *coping* em atletas de RCR sul africanos. Os autores citados anteriormente reportaram uma associação significativa entre a orientação para a tarefa e as estratégias de *coping*. Por outro lado, Haslett, Fitzpatrick, e Breslin (2017) analisaram as influências psicológicas na participação no RCR de atletas ingleses. Das entrevistas realizadas emergiu a importância do RCR para a independência dos atletas. Os participantes descreveram a partilha de histórias e experiências de vida similares para o desenvolvimento de um sentido de comunidade e de família. Por outro lado, também destacaram a importância da partilha de experiência e conhecimentos fundamentais para as atividades de

vida diária (e.g., usar as cadeiras de rodas corretamente, fazer transferências, conduzir). Este resultado é muito interessante pois demonstra a importância da interação com os outros para a aprendizagem (i.e., aprender com os outros) como um fator influenciador da autonomia dos atletas do desporto adaptado (Stephens, Neil, & Smith, 2012). Para além disso, a promoção da autonomia é descrita como um fator que influencia a motivação autodeterminada na participação desportiva (Deci & Ryan, 2000). Goodwin, Johnston, Gustafson, Elliott, Thurmeier, & Kuttai (2009) complementam esta perspetiva referindo que as experiências comuns e as ligações emocionais identificadas no RCR beneficiam o bem-estar psicológico dos atletas. Especificamente, os autores citados anteriormente destacam a importância dos modelos (i.e., outros atletas) e da partilha de narrativas de vida de empoderamento como facilitadores da participação desportiva.

Ao nível nacional também se constata o interesse dos investigadores na abordagem de variáveis psicológicas, como a motivação, satisfação das NPB e bem-estar subjetivo no âmbito do desporto adaptado. No entanto, os estudos identificados são escassos (i.e., Ferreira, 2017; Lercas, 2018; Menêzes, 2019) e não incluem o RCR. Assim sendo, com o propósito de colmatar esta lacuna evidente ao nível da investigação dos fatores psicológicos em atletas de RCR em Portugal, o objetivo principal do presente estudo consistiu em identificar os níveis de motivação e de satisfação das NPB dos atletas de RCR ao nível nacional. Adicionalmente, pretendeu-se descrever os principais motivos e barreiras relacionados com a prática deste desporto.

Métodos

Participantes

A amostra foi constituída pelos atletas de RCR envolvidos na prática da modalidade durante a época desportiva 2020/2021. Foram definidos os seguintes critérios de inclusão: i) ser praticante de RCR; e, ii) fazer parte de um centro de treino e/ou participar com regularidade (i.e., apenas ter faltado uma vez ao longo da época desportiva) nos campos de treino da FPDD.

De um total de 17 atletas envolvidos no RCR foram selecionados 12 atletas (masculinos $n=10$) com idades compreendidas entre os 33 e 49 anos ($M=41.8$; $DP=5.70$). Todos os atletas apresentavam deficiência motora com maior prevalência para a lesão vertebro-medular ($n=7$) e origem adquirida ($n=10$). Os restantes elementos apresentavam etiologia diversa (e.g., poliomielite, espinha bífida). No que se refere aos hábitos de prática da amostra, apenas metade dos participantes ($n=6$) praticavam regularmente (i.e., uma vez por semana) RCR em contexto de Centro de Treino FADEUP. Os restantes participantes apenas participavam nos Campos de Treino promovidos pela FPDD que ocorriam, aproximadamente, de dois em dois meses. No entanto, a maioria dos participantes ($n=9$) pratica outra modalidade para além do RCR (e.g., remo, andebol em cadeira de rodas, musculação).

Todos os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos do presente estudo e preencheram o consentimento informado autorizando a recolha de dados de forma anónima e confidencial.

Instrumentos

1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico permitiu recolher informações necessárias para a caracterização da amostra, nomeadamente dados pessoais (i.e., sexo, idade, escolaridade), etiologia da deficiência (i.e., tipo e origem da deficiência), hábitos de prática desportiva (i.e., frequência de prática RCR; outras modalidades praticadas) e acompanhamento psicológico.

2. Versão Portuguesa do Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire 2 (BREQ-2)

O BREQ-2 (Markland & Tobin, 2004) avalia os diferentes aspetos de regulação motivacional para o exercício físico e foi validado para a população portuguesa por Palmeira, Teixeira, Silva, e Markland (2007). É um questionário constituído por 19 itens organizados em 5 dimensões: amotivação, regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulações intrínsecas. As opções de resposta compreendem uma escala tipo Likert de 5 pontos, desde 0 (Não é verdade para mim) a 4 (Muitas vezes é verdade para mim).

3. Versão Portuguesa do Basic Psychological Needs in Exercise Scale (BPNES)

O BPNES (Vlachopoulos & Michailidou, 2006) avalia o grau de satisfação das NPB no contexto do exercício físico e foi validado para a população portuguesa por Moutão, Cid, Alves, Leitão, e Vlachopoulos (2012). É um questionário constituído por 12 itens com uma escala de tipo Likert de 5 pontos, desde 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). Os 12 itens são indicadores de três fatores relacionados com a autonomia (itens 3, 6, 9, 12), a competência (itens 1, 4, 7, 10) e o relacionamento (itens 2, 5, 8, 11). O tempo médio de preenchimento deste instrumento é de, aproximadamente, 12 minutos.

4. Entrevista Focus Group

De modo a explorar as experiências dos atletas de RCR e analisar de forma mais aprofundada as suas motivações e incentivo para a prática da modalidade, foi desenvolvida uma entrevista semiestruturada tendo por base o guião implementado em atletas de Rugby por Veiga (2019). O guião referido anteriormente foi refinado e adaptado à realidade do RCR ao nível nacional. O guião final contemplou seis questões, nomeadamente: (1) Como souberam da existência do RCR em Portugal? (2) O que vos levou a praticar esta modalidade? (3) O que mais vos empolga na prática da modalidade? (4) O que menos gostam no RCR? (5) O que diriam se quisessem incentivar alguém a iniciar a prática da modalidade? e, por último, (6) Que perspetivas futuras idealizam para o RCR em Portugal?

Procedimentos

Inicialmente foi realizado um contacto via e-mail com a FPDD com o intuito de caracterizar o panorama a nível nacional sobre os praticantes da modalidade. Todos os participantes foram contactados telefonicamente de modo a averiguar a disponibilidade para participar no estudo. Os questionários e o consentimento informado foram preenchidos on-line após o envio de um link *Google Forms* para o e-mail de cada participante. Por último, foram selecionados seis atletas para a realização da entrevista *focus group* que ocorreu através do aplicativo *Skype*. A entrevista teve a duração aproximada de 60 minutos e foi gravada

(registo visual e áudio) para posterior análise dos dados.

Análise de Dados

No que diz respeito aos instrumentos quantitativos, os dados foram exportados para o Excel diretamente do suporte *Google Forms*, uniformizados e posteriormente convertidos, para serem tratados mais pormenorizadamente com recurso ao *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS Statistics) para o *Windows* – versão 25. Os dados foram analisados recorrendo à estatística descritiva, nomeadamente, frequências de resposta (n), valores mínimos (Min.) e máximos (Max.), média (M) e o desvio padrão (DP). Para explorar as relações de associação entre as variáveis, recorreu-se à estatística não paramétrica através da correlação de *Spearman*. O nível de significância foi estabelecido em $p \leq 0.05$.

No que diz respeito à metodologia qualitativa, adotou-se uma análise interpretativa fenomenológica com o objetivo de explorar as experiências vividas dos participantes e qual o sentido atribuído pelos próprios às experiências pessoais no RCR. Em termos práticos, o processo de análise de dados envolve uma interação entre técnicas indutivas e dedutivas (Smith, 2004). Especificamente, foram privilegiados métodos indutivos de modo a permitir a identificação de temas emergentes. As perspetivas dos participantes acerca dos motivos relacionados com a prática de RCR foram analisadas através da análise temática (Braun, Clarke, & Weate, 2016). O investigador principal recorreu à ajuda de um “amigo crítico” (i.e., outro autor) para discutir os dados e assegurar a qualidade e validade da investigação.

Apresentação e Discussão

1. Abordagem Quantitativa

A Tabela 1 apresenta a estatística descritiva relacionada com as diferentes dimensões da motivação para o exercício e das NPB.

Tabela 1 - Valores mínimos, máximos, média e desvio padrão das dimensões do BREQ-2 e BPNES

N=12	Mínimo	Máximo	Média	DP
BREQ-2				
Amotivação	1.25	2.25	1.44	0.36
Regulação Externa	0	1.25	0.17	0.40
Regulação Introjetada	0	4.00	1.19	1.08
Regulação Identificada	2.50	4.00	3.08	0.50
Motivação Intrínseca	1.75	4.00	3.17	0.66
BPNES				
Autonomia	1.75	5.00	4.00	0.91
Competência	3.25	4.75	4.08	0.49
Relacionamento	3.00	5.00	4.31	0.68

BREQ-2 = Behavioral Regulation in Exercise Questionnaire; BPNES = Basic Psychological Needs in Exercise Scale; DP = Desvio Padrão

Relativamente aos níveis de motivação da amostra, constata-se que os participantes apresentam valores médios superiores a 3 (2 é o valor médio da escala) nas dimensões regulação identificada (M=3.08; DP=0.50) e motivação intrínseca (M=3.17; DP=0.66) demonstrando que se encontram autorregulados e motivados de forma mais autónoma para a prática do RCR. Neste sentido, é possível argumentar que os atletas do RCR evidenciam um perfil motivacional que favorece a formulação de objetivos e metas ao nível desportivo, a focalização na tarefa e que a evolução na modalidade está relacionada com fatores intrínsecos (i.e., interesse, satisfação e prazer na atividade).

Ao nível da satisfação das NPB verifica-se uma situação similar, sendo que as três dimensões em análise apresentam valores médios superiores a 4 (3 é o valor médio da escala) com particular destaque para a dimensão Relacionamento (M=4.31; DP= 0.68). Assim, é possível concluir que os atletas de RCR satisfazem as suas NPB o que se traduz num bem-estar psicológico positivo sustentado por um comportamento autorregulado. Deste modo, os nossos resultados estão em conformidade com a Teoria da NPB que defende que a satisfação das NPB, inatas ao ser humano, conduzem à motivação intrínseca.

De uma forma geral, os valores obtidos caracterizam os níveis de motivação e de satisfação

das NPB de forma positiva conduzindo a perspetiva futura da manutenção da prática da modalidade. Os resultados do presente estudo estão em concordância com os níveis de motivação e de satisfação das NPB identificados em jogadores de andebol em cadeira de rodas ao nível nacional (Menêzes, 2019). Resultados similares foram reportados por Ferreira (2017) num estudo com atletas com e sem deficiência motora no âmbito do atletismo em cadeira de rodas. A autora citada anteriormente, constatou que os atletas com deficiência apresentaram valores médios superiores de motivação autónoma e de satisfação com a vida, comparativamente com os atletas do atletismo regular.

Na Tabela 2 estão apresentados os valores de correlação entre as diferentes dimensões da motivação para o exercício e das NPB.

Tabela 2 - Valores de correlação e nível de significância entre as dimensões do BREQ-2 e BPNES

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Amotivação	1.0	0.3	0.0	-0.36	-0.2	0.2	0.0	-0.0
2. Reg. Externa		1.0	0.4	-0.35	-0.3	0.0	-0.15	-0.2
3. Reg. Introjetada			1.0	-0.01	0.1	-0.12	-0.07	-0.3
4. Reg. Identificada				1.0	0.7	0.6	1*	-0.1
5. Motivação Intrínseca					1.0	0.4	0.4	0.2
6. Autonomia						1.0	0.8	0.1
7. Competência							1.0	0.0
8. Relacionamento								1.0

*p<0.05; ** p<0.01; p=nível de significância; Reg.=Regulação

Com base na observação da Tabela 2 é possível constatar que as NPB (autonomia e competência) apresentam correlações moderadas, positivas e estatisticamente significativas com a Regulação

Identificada. Por seu lado, as formas de motivação mais autónomas (regulação identificada e motivação intrínseca) apresentam correlação forte, positiva e estatisticamente significativa entre si. Do mesmo modo, as NPB Autonomia e Competência apresentam correlação forte, positiva e estatisticamente significativa entre si. Sabendo que as formas autónomas de regulação motivacional estão relacionadas com a persistência, o compromisso e envolvimento com o desporto a longo prazo (e.g., De Francisco, Sánchez-Romero, Conesa, & Arce, 2020) estes resultados parecem demonstrar que os atletas estudados têm a intenção de continuar envolvidos na prática do RCR. Esta evidência parece-nos fundamental para a manutenção do ritmo de crescimento e evolução do RCR no nosso país, permitindo que possa atingir outros níveis competitivos. O presente estudo destaca, assim, a importância da motivação intrínseca, ou seja, de motivos para a prática relacionados com o prazer e com a realização pessoal, aspetos centrais para a permanência da prática (De Francisco et al., 2020), para a prevenção do abandono e do *burnout* (De Francisco et al., 2020; Sarrazine, Boiché, & Pelletier, 2007) e para o desenvolvimento desportivo a longo prazo (e.g., Bloom, 1985; Côté, 1999; Gould, Dieffenbach, & Moffett, 2002).

Considerando que este foi o primeiro estudo ao nível nacional a analisar as relações entre motivação e NPB em atletas de RCR, as investigações futuras devem continuar a aprofundar esta temática explorando as relações com outros constructos psicológicos importantes como a satisfação com a vida, os afetos ou os estados de humor. Por outro lado, é fundamental aumentar o tamanho da amostra, para perceber como características individuais (e.g., género, idade) ou desportivas (e.g., nível de competição, anos de prática) podem influenciar o perfil psicológico dos atletas.

Por último, importa destacar as implicações práticas dos resultados obtidos. As boas práticas ao nível do desenvolvimento desportivo de atletas com deficiência devem ter em consideração os fatores psicológicos que interferem no desempenho desportivo e bem-estar pessoal dos atletas. Os atletas, treinadores, elementos das equipas

técnicas, dirigentes desportivos, familiares e amigos devem ser sensibilizados para a importância de contribuírem para um clima motivacional focado no desenvolvimento de competências e no progresso individual. A presença de um psicólogo do desporto nas equipas técnicas é outro aspeto crucial para assegurar um clima psicológico adequado e favorecedor do bem-estar psicológico dos atletas do desporto adaptado (Bastos, Corredeira, Probst, & Fonseca, 2020; Bastos et al., 2014).

2. *Abordagem Qualitativa*

A análise temática permitiu identificar o contexto inicial da modalidade que conduziu ao primeiro contacto com o RCR ao nível nacional, bem como os motivos para a adesão e manutenção ao RCR. Os atletas também salientaram aspetos positivos e aspetos negativos relacionados com esta modalidade. Por último, numa lógica de desenvolvimento e evolução da modalidade, foram destacados os benefícios relacionados com a prática, bem como as perspetivas futuras ao nível da organização/enquadramento da modalidade. Seguidamente, encontram-se excertos das entrevistas que foram selecionados por serem considerados representativos dos temas emergentes.

2.1 – *Primeiro Contacto com o RCR*

De modo a caracterizar o contexto inicial de implementação do RCR em Portugal e identificar os mecanismos que despoletaram a adesão à prática, os atletas foram questionados sobre o primeiro contacto com a modalidade. No grupo de participantes estava incluído o atleta que é considerado o impulsionador, o responsável pelo RCR ao nível nacional que referiu:

“Pode começar por mim. Eu soube da existência porque a primeira vez que houve em Portugal fomos nós que treinámos... A seleção brasileira vinha à Europa fazer um torneio e fui com eles para a Suíça e a partir daí começámos a treinar no Rovisco Pais” (P-1).

Apesar de fazer parte da amostra um atleta a quem é atribuída a génese e implementação da modalidade em Portugal, a maioria dos atletas contactou com a modalidade através de ações de

demonstração/divulgação da modalidade, especialmente em contexto de hospital de reabilitação:

“...a FPDD esteve em Alcoitão numa altura que eu estive lá...e deram-me a conhecer...”. (P-5)

No entanto, o contacto informal entre amigos (praticantes) também parece ser uma fonte importante de partilha de informação e divulgação da modalidade. As seguintes transcrições são representativas desse mecanismo:

“...foi através do atleta da Figueira da Foz...ele foi a um campo de treino e mandou-me um link... ele sabia que eu tenho esse tipo de patologia [deficiência motora que afeta pelo menos 3 membros] ...” (P-3).

“O Rugby para mim em Portugal só tem um nome que é Luís Vaz”. (P-6).

Assim sendo, fica patente a importância das atividades de sensibilização para a divulgação da modalidade de modo a permitir que um maior número de pessoas com deficiência motora tome contacto com a modalidade, experimente ao nível prático (i.e., equipamento, regulamento, competência motoras) e, conseqüentemente, possa aconselhar/disseminar junto de outros potenciais praticantes que possuam características comuns para a prática. Em concordância com os resultados obtidos, Tawse, Bloom, Sabiston, e Reid (2012), ao explorarem o papel dos treinadores de RCR no desenvolvimento dos atletas, salientaram a importância que os próprios atletas têm no recrutamento de novos atletas. De acordo com os autores referidos anteriormente, os treinadores entrevistados consideraram que os atletas veteranos assumem uma posição de mentores e têm um papel muito importante no recrutamento de novos praticantes, na partilha de conhecimentos sobre o RCR e sobre a deficiência, bem como no apoio ao próprio treinador. Do mesmo modo, num estudo com atletas de RCR brasileiros verificou-se que o primeiro contacto com a modalidade ocorreu por intermédios de outras pessoas, nomeadamente amigos, jogadores e treinadores (Becerra, Manzini, & Martinez, 2019).

Por outro lado, os resultados sugerem que o primeiro contacto ocorre, essencialmente, em contexto de reabilitação o que é algo fundamental para que, de forma direta, ocorra a disseminação da informação junto da pessoa com deficiência. No entanto, é fundamental que a modalidade comece a ser abordada e divulgada em outros contextos de prática como os clubes de rugby, alargando assim a rede de contactos e sensibilizando diversas entidades (e.g., clubes, associação regionais, escolas) para a existência do RCR.

2.2 - Motivos para a prática do RCR

No que se refere aos motivos que conduziram à iniciação/adesão ao RCR foram apresentadas diversas categorias. Na categoria “Características do jogo” incluíram-se características gerais da modalidade como a fisicalidade (i.e., agressividade/contacto) e a adrenalina/emoções que suscita como forma a descrever a espetacularidade do jogo. Na categoria “Gosto pelo desporto” destaca-se a referência ao prazer/paixão durante a prática, o “vício” pelo desporto. Estas características estão, também, associadas à prática do rugby regular (Veiga, 2019). Deste modo, quando os atletas referem o prazer/satisfação que sentem durante a prática destaca-se a sua motivação intrínseca, situação que está em concordância com os resultados obtidos na análise quantitativa onde a motivação intrínseca obteve o *score* mais elevado.

Ainda sobre os motivos para a prática do RCR, importa discutir a categoria específica “Acessível a pessoas com tetraplegia”. Os atletas descreveram o RCR como uma modalidade acessível a atletas com maior grau/severidade ao nível da deficiência motora (comparativamente com outras modalidades coletivas) promovendo a noção de capacidade/competência na prática desportiva. Uma vez mais os dados os dados qualitativos estão em concordância com a análise quantitativa onde se constatou uma valorização da dimensão Competência. Estes resultados são muito positivos pois a competência percebida pode ser determinante para o compromisso/comprometimento com a prática (Almagro, Sáenz-López, Moreno-Murcia, & Spray, 2015; Hodge, Lonsdale, & Jackson, 2009) o que faz com que os

atletas continuem no RCR pois percebem-se como competentes e capazes, consideram-se “bons” neste desporto. Por outro lado, Silveira et al. (2019) acrescentam que a prática de RCR está significativamente relacionada com a independência dos atletas nas atividades de vida diária. As transcrições que seguidamente são apresentadas representam esta perceção de Competência diretamente relacionada com a satisfação das NPB:

“Esta modalidade em específico, para o pessoal como nós que tem uma incapacidade maior... 3 ou 4 membros afetados, é a modalidade certa porque tu nas outras nunca podes ser... podes fazer parte da equipa, por exemplo no andebol, mas nunca sentia que conseguia dar tudo.” (P-1)

“...no Rugby acabo por ser um dos melhores, ou daqueles que tem menos limitações e acabo por me divertir mais, porque acabo por conseguir pôr em prática todas as minhas competências e acabo por desfrutar mais do desporto em si...” (P-3).

Neste sentido, é possível argumentar que o RCR constitui uma oportunidade de prática desportiva muito importante para pessoas com maior severidade (i.e., envolvimento de 3 ou mais membros) pois permite alargar o leque de oferta desportiva com uma prática adequada às características específicas dos praticantes.

2.3 - Aspectos positivos e negativos

Quando os atletas foram questionados sobre os aspetos positivos e negativos do RCR, constata-se a ênfase atribuída às componentes táticas do jogo na perspetiva positiva:

“...costumo dizer que o Rugby é quase como um jogo de xadrez dos desportos de campo”. (P-5)

“Sem dúvida que é a aprendizagem da tática de jogo”. (P-6)

Ainda relacionado com os aspetos positivos do RCR, também emergiram as categorias “Fisicalidade/Agressividade”, “Valores”, “Sensações Individuais” e “Gosto/Prazer”

Na perspetiva negativa foram reportados diversos motivos diretamente relacionados com a organização e estado atual do RCR em Portugal,

nomeadamente o reduzido número de praticantes que, conseqüentemente, condiciona o surgimento de oportunidades de treino regular e de competição. Por outro lado, emerge a ideia de que a modalidade é encarada como muito agressiva/violenta pelos indivíduos com deficiência, algo que também se verifica no rugby regular (Veiga, 2019):

“Muito do pessoal “tetra” com quem eu falo diz logo que não ao desporto Rugby porque é muito violento... ainda é tudo muito amador aqui em Portugal.” (P-1)

“Poucos treinos... quero mais treinos!” (P-2)

Neste contexto importa, ainda, esclarecer que apesar dos atletas terem referido um conjunto de barreiras ou aspetos negativos relacionados com o contexto desportivo específico do RCR, estas situações não parecem desencorajar ou desmotivar os atletas. Não foram identificados comportamentos de amotivação entre o grupo de atletas.

2.4 - Benefícios da prática do RCR

Por último, numa lógica de perspetiva sobre o futuro da modalidade em Portugal, os atletas foram questionados sobre quais os argumentos que utilizariam para incentivar a adesão à prática. Assim sendo, na categoria benefícios da prática emergiram os argumentos relacionados com o impacto da prática do RCR na saúde física e mental (i.e., benefícios ao nível psicológico, capacidades cognitivas e relações interpessoais) dos praticantes. Foram diversas as referências relacionadas com os benefícios de ordem psicológica como a motivação, autoconfiança, autoestima, competência e autorrealização:

“... praticar desporto pode ser um ponto extra de motivação... a nível psicológico e para a vida avançar”. (P-2)

“A malta sente-se realizada e útil.” (P-3)

“O que eu costumo dizer muitas vezes é “não digas já que não és capaz”.” (P-6)

Os atletas também mencionaram a importância das Relações Interpessoais, categoria que está relacionada com a satisfação das NPB, especificamente a dimensão Relacionamento. O sentimento de colaboração e apoio mútuo por parte

dos colegas de equipa foram referidos como aspetos relacionados com a necessidade de interação com os outros. A seguinte transcrição representa o impacto da modalidade na inclusão social do atleta:

“O facto de sair de casa, conviver com pessoas com as mesmas limitações... a entreaajuda que há, a amizade, essas coisas todas são os fatores mais importantes.” (P-3)

Em suma, todos os atletas destacaram a importância do RCR nas suas vidas. Os benefícios apontados relacionam-se com a regulação identificada o que também demonstra que os resultados de natureza qualitativa estão em conformidade com a análise quantitativa. Este resultado é muito positivo pois os estudos (e.g., Almagro et al., 2015; Mouratidis, Lens, & Vansteenkiste, 2010) demonstram que regulação identificada expressa um tipo de comportamento autodeterminado relacionado com a intenção de manter a prática. Neste contexto importa explicar a relação do RCR com a satisfação com a vida. Zwierzchowska, Zebrowska, & Szkwara (2017) verificaram que os jogadores de RCR considerados “pontos altos” evidenciaram uma componente de satisfação com a vida significativamente superior quando comparado com jogadores “pontos baixos” e com indivíduos sedentários. Assim sendo, sugere-se que a investigação futura no âmbito do RCR nacional explore as relações de associação entre a motivação, satisfação das NPB e a satisfação e qualidade de vida dos praticantes.

2.5 - Perspetivas futuras

Relativamente ao futuro da modalidade, os atletas desejaram e destacaram a necessidade do RCR evoluir e ganhar maior visibilidade ao nível do desporto adaptado em Portugal. As soluções apontadas visam colmatar as dificuldades/barreiras previamente identificadas na categoria Aspetos Negativos, nomeadamente aumentar o número de atletas envolvidos na modalidade através da captação de novos praticantes e o aumento do número de oportunidades de competição e de treino:

“Acho neste aspeto é que vai haver um salto grande a partir do momento que tivermos a primeira competição internacional.” (P-1)

“Se houver clubes, mais competição há, mais competitivo é” (P-2).

“...a competição, a visibilidade, a cultura desportiva.” (P-6)

Neste contexto, Tawse et al. (2012) referem que os treinadores de RCR devem assumir um conjunto de responsabilidades diversificadas no desenvolvimento da modalidade ao nível do recrutamento de novos atletas, da implementação de programas ao nível local, regional o que implica o assumir de vários papéis ao nível administrativo. Este estudo é bastante interessante pois aponta para outra lacuna muito importante no RCR nacional, a escassez de treinadores envolvidos na modalidade. Neste sentido, é fundamental aumentar as oportunidades de formação de treinadores de RCR, sensibilizando técnicos provenientes do rugby regular e do desporto adaptado em geral.

De uma forma geral, os resultados qualitativos do presente estudo apontam para uma necessidade premente de mudança do enquadramento organizativo da modalidade em Portugal. Nesse sentido, e seguindo o percurso que outras modalidades do desporto adaptado (e.g., basquetebol em cadeira de rodas, natação adaptada) realizaram na última década no que à transferência de responsabilidades e de governança diz respeito, torna-se evidente a necessidade de incluir o RCR na Federação Portuguesa de Rugby. A inclusão na Federação da modalidade permitirá uma aproximação real e efetiva entre as duas vertentes da modalidade, com benefício direto para as atividades de formação ao nível dos treinadores e técnicos desportivos, ações de promoção e divulgação da modalidade, bem como a captação de novos atletas para o RCR. Para além disso, prevê-se um impacto importante ao nível local no que aos clubes de rugby regular diz respeito. Assim sendo, reconhece-se o papel fundamental que os clubes de rugby poderão ter na criação de mais e melhores oportunidades de prática e na disseminação o RCR nas diferentes regiões do país.

Tendo em consideração que o RCR é uma modalidade recente no panorama do desporto adaptado nacional, verifica-se também a necessidade de criar uma identidade e cultura desportiva específica da modalidade. Uma vez

mais, possibilitar o contacto e interações entre atletas e profissionais do rugby regular e do RCR poderá constituir uma estratégia de vital importância para o desenvolvimento da modalidade.

Em suma, importa destacar que os atletas de RCR apresentaram níveis elevados de motivação autónoma para a prática e elevada satisfação das necessidades psicológicas básicas, com especial ênfase para a dimensão Relacionamento. Relativamente aos motivos para a iniciação à modalidade, verificou-se o contacto através de situações de demonstração e o convite por terceiros para experimentar a modalidade. As barreiras e dificuldades ao nível organizativo estão relacionadas com o número reduzido de praticantes ao nível nacional e escassez de oportunidade de prática e competição.

Conclusões e Limitações

O principal objetivo do estudo consistiu em identificar os níveis de motivação e de satisfação das NPB dos atletas de RCR ao nível nacional. Ao nível nacional e internacional, não temos conhecimento de estudos que tenham explorados estas variáveis psicológicas em atletas de RCR, situação que limitou substancialmente a discussão dos resultados do presente estudo. No entanto, é possível concluir que os atletas de RCR apresentam níveis elevados de motivação autónoma para a prática e elevada satisfação das NPB, com especial ênfase para a dimensão Relacionamento. Assim, os resultados do presente estudo colocam em evidência a importância da satisfação das NPB de competência, autonomia e relacionamento para a adoção de um comportamento autorregulado e autodeterminado dos atletas de RCR. Por outro lado, parece ser notório o contributo que os diferentes constructos psicológicos podem ter no desenvolvimento de estratégias que promovam a participação desportiva dos atletas com deficiência. Em termos práticos estes resultados são muito positivos pois apontam para um caminho de continuidade em relação ao envolvimento na modalidade situação que é muito importante para que o RCR continue a desenvolver-se e possa atingir o patamar competitivo.

No que diz respeito aos motivos para a prática do RCR, verificou-se que o primeiro contacto com a

modalidade ocorreu através de situações de demonstração ou partilha de informações entre amigos sendo evidente a necessidade de implementar mais iniciativas de divulgação e promoção da modalidade em Portugal. Por outro lado, os motivos para a adesão ao RCR estavam relacionados com fatores como o gosto pela prática, as características do jogo e noção de competência que os atletas com deficiência motora mais severa evidenciam neste desporto. Os atletas indicaram as dificuldades/barreiras que o RCR enfrenta atualmente em Portugal com um reduzido número de praticantes e falta de oportunidade para competir e treinar. Por último, os atletas destacaram os benefícios percebidos inerentes à prática desta modalidade e indicaram sugestões/recomendações para o futuro do RCR em Portugal.

Em suma, apesar do perfil psicológico dos atletas de RCR evidenciar um comportamento de compromisso com a modalidade e uma atitude resiliente face às barreiras e dificuldades experienciadas atualmente, urge atualizar o enquadramento organizativo da modalidade. Caso contrário, o RCR poderá, a curto prazo, ter um percurso descendente, similar a outros desporto (e.g., voleibol sentado, futebol 5), comprometendo de forma irreversível o desenvolvimento da modalidade em Portugal.

Apesar de, até à data, este ser o único estudo desenvolvido no âmbito do RCR ao nível nacional do qual temos conhecimento, é fundamental destacar as suas limitações. O reduzido número de atletas envolvidos nesta modalidade refletiu-se no tamanho da amostra que condicionou a realização de procedimentos estatísticos de natureza inferencial. No entanto, a análise qualitativa foi muito importante para suportar as evidências quantitativas permitindo aprofundar a temática em análise. Por outro lado, verificou-se um desequilíbrio ao nível do género feminino pois apenas duas atletas participaram no estudo. Tal como referido pelos participantes, espera-se que, com o desenvolvimento da modalidade, a investigação científica futura também possa evoluir e diversificar as abordagens (e.g., metodologias de treino, preparação física, competências psicológicas) de modo a beneficiar atletas e treinadores.

Referências

- Almagro, B. J., Sáenz-López, P., Moreno-Murcia, J. A., & Spray, C. (2015). Motivational factors in young Spanish athletes: A qualitative focus drawing from self-determination theory and achievement goal perspectives. *The Sport Psychologist*, 29(1), 15-28. <https://doi.org/10.1123/TSP.2013-0045>
- Bastos, T., Corredeira, R., Probst, M., & Fonseca, A. M. (2020). Elite athletes' perspectives about the importance of psychological preparation and personal experiences with Sport Psychology. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 13(1): 5. <https://doi.org/10.5507/euj.2020.001>
- Bastos, T., Corredeira, R., Probst, M., & Fonseca, A. M. (2014). Elite disability sport coaches' views on sport psychology. *International Journal of Psychological Studies*, 6(1): 33-44. <http://doi.org/10.5539/ijps.v6n1p33>
- Becerra, M., Manzini, M., & Martinez, C. (2019). Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(3), 615-627. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1662>
- Bloom, B. S. (Ed.). (1985). *Developing talent in young people*. NY: Ballantine Books.
- Braun, V., Clarke, V., & Weate, P. (2016). Using thematic analysis in sport and exercise research. In B. Smith & A. C. Sparks (Eds.), *Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise* (pp. 191-205). New York, NY: Routledge.
- Campana, M. B., Gorla, J. I., Duarte, E., Scaglia, A. J., Tavares, M. C., & Barros, J. F. (2011). O Rugby em Cadeira de Rodas: aspetos técnicos e táticos e diretrizes para desenvolvimento. *Motriz: Revista de Educação Física*, 17(4), 748-757. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742011000400020>
- Côté, J. (1999). The influence of the family in talent development. *The Sport Psychologist*, 13(4), 395-417. <https://doi.org/10.1123/tsp.13.4.395>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268. https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01
- De Francisco, C., Sánchez-Romero, E. I., Conesa, M., & Arce, C. (2020). Basic psychological needs, burnout and engagement in sport: The mediating role of motivation regulation. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(14), 4941. <https://doi.org/10.3390/ijerph17144941>
- Ferreira, D. (2017). *Motivação autodeterminada, satisfação com a vida e integração social de atletas de desporto adaptado na modalidade de atletismo*. Castelo Branco: D. Ferreira. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Goodwin, D., Johnston, K., Gustafson, P., Elliott, M., Thurmeier, R., & Kuttai, H. (2009). It's okay to be a quad: Wheelchair rugby players' sense of community. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 26(2), 102-117. <https://doi.org/10.1123/apaq.26.2.102>
- Gould, D., Dieffenbach, K. & Moffett, A. (2002). Psychological characteristics and their development in Olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14(3), 172-204. <https://doi.org/10.1080/10413200290103482>
- Haslett, D., Fitzpatrick, B., & Breslin, G. (2017). The psychological influences on participation in Wheelchair Rugby: A social relational model of disability. *AUC Kinanthropologica*, 53(1), 60-78. <https://doi.org/10.14712/23366052.2017.5>
- Hodge, K., Lonsdale, C., & Jackson, S. A. (2009). Athlete engagement in elite sport: An exploratory investigation of antecedents and consequences. *The Sport Psychologist*, 23, 186-202. <https://doi.org/10.1123/tsp.23.2.186>
- International Wheelchair Rugby Federation. (2015). *IWRF Classification Manual (3rd ed.)*. Delta-Canadá: IWRF. Consultado em: [https://www.iwrf.com/resources/iwrf_docs/IWRF_Classification_Manual_3rd_Edition_rev-2015_\(English\).pdf](https://www.iwrf.com/resources/iwrf_docs/IWRF_Classification_Manual_3rd_Edition_rev-2015_(English).pdf)
- Jooste, J., Kubayi, N., & Paul, Y. (2015). Dimensions of achievement goal orientation and coping in South African wheelchair rugby players with quadriplegia. *Journal of Psychology in Africa*, 25(4), 345-349. <https://doi.org/10.1080/14330237.2015.1078092>
- Lercas, A. (2018). *Motivação Autodeterminada e Satisfação com a Vida de Atletas de Desportos Coletivos – Estudo Comparativo entre Desporto Adaptado e Desporto Regular*. Castelo Branco: A. Lercas. Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Markland, D., & Tobin, V. (2004). A modification to the Behavioural Regulation in Exercise Questionnaire to include an assessment of amotivation. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 26(2), 191-196. <https://doi.org/10.1123/jsep.26.2.191>
- Menêzes, J. M. (2019). *Avaliação da motivação, necessidades psicológicas básicas e o bem-estar subjetivo em atletas de Andebol em cadeira de rodas*. Porto: J. Menêzes. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mouratidis, A., Lens, W., & Vansteenkiste, M. (2010). How do provide corrective feedback makes a difference: The motivating role of communicating in an autonomy-supporting way. *Journal of Sport & Exercise*

- Psychology, 32, 619- 637. <https://doi.org/10.1123/jsep.32.5.619>
- Moutão, J. M., Cid, L., Alves, J., Leitão, J., & Vlachopoulos, S. (2012). Validation of the Basic Psychological Needs in Exercise Scale in a Portuguese Sample. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(1), 399-409. https://doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n1.37346
- Orr, K., & Malone, L. A. (2010). Wheelchair Rugby. In V. Goosey-Tolfrey (Ed.), *Wheelchair Sport: A Complete Guide for Athletes, Coaches, and Teachers* (pp. 151-166). EUA: Human Kinetics, Inc.
- Palmeira, A., Teixeira, P., Silva, M., & Markland, D. (2007). Confirmatory Factor Analysis of the Behavioural Regulation in Exercise Questionnaire–Portuguese Version. In: Paper presented at the 12th European Congress of Sport Psychology, Halkidiki, Greece, 4-9 September 2007.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2000). Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions. *Contemporary Educational Psychology*, 25(1), 54-67. <https://doi.org/10.1006/ceps.1999.1020>
- Silva, F., Silva, J., Duim, G., Junior, J., & Araújo, P. (2019). Orientação motivacional de atletas usuários de cadeira de rodas. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(2), 13-19. <http://doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n2.p13>
- Sarrazin, P., Boiché, J. & Pelletier, L. (2007). A Self-Determination Theory Approach to Dropout in Athletes. In M. Hagger and N. Chatzisarantis (Eds). *Intrinsic Motivation and Self-determination in Exercise and Sport* (pp. 229-242). Champaign: IL. Human Kinetics.
- Silveira, S., Canales, S., Cottingham, M., & Hernandez, D. (2019). Wheelchair rugby participation as a path to independence. *Health Behavior Policy Review*, 6(2), 166-173. <https://doi.org/10.14485/HBPR.6.2.5>
- Smith, J. A. (2004). Reflecting on the development of interpretive phenomenological analysis and its contribution to qualitative research in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 1, 39-54. <https://doi.org/10.1191/1478088704qp004oa>
- Stephens, C., Neil, R., & Smith, P. (2012). The perceived benefits and barriers of sport in spinal cord injured individuals: A qualitative study. *Disability and Rehabilitation*, 34(24), 2061-2070. <https://doi.org/10.3109/09638288.2012.669020>
- Tawse, H., Bloom, G., Sabiston, C., & Reid, G. (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport*, 4(2), 206-225. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.685104>
- Veiga, R. (2019). Rugby feminino em Portugal – que motivações e barreiras para a prática da modalidade? Porto: R. Veiga. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Vlachopoulos, S. P., & Michailidou, S. (2006). Development and Initial Validation of a Measure of Autonomy, Competence, and Relatedness in Exercise: The Basic Psychological Needs in Exercise Scale. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 10(3), 179-201. https://doi.org/10.1207/s15327841mpeel003_4
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2003). *Foundations of sport and exercise psychology* (3rd ed.). Champaign, IL: Human Kinetics.
- Zwierzchowska, A., Zebrowska, A., & Szkwara, M. (2017). Sports activities and satisfaction of living of men after cervical spinal cord injury. *Polish Annals of Medicine*, 24(2017), 205-208. <https://doi.org/10.1016/j.poamed.2017.03.009>



FUNDAÇÃO DO DESPORTO

SPORTS FOUNDATION

Powered by TALENT,

Driven with SWEAT



HIGHSPORTUGAL

High Performance Sport Centres of Portugal

FUNDACAODESPORTO.PT

HIGHSPORTUGAL.PT